
Educação Física

Guilherme Mazero Cella

**Iniciação esportiva ao futebol: uma revisão
sobre suas fases e métodos de ensino-
aprendizagem**



Rio Claro - SP
2022

Guilherme Mazero Cella

Iniciação esportiva ao futebol: uma revisão sobre suas fases e métodos de ensino-aprendizagem

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física

Orientador: Adalgiso Coscrato Cardozo

Rio Claro
2022

C393i Cella, Guilherme Mazero
Iniciação esportiva ao futebol: uma revisão sobre
suas fases e métodos de ensino-aprendizagem /
Guilherme Mazero Cella. -- Rio Claro, 2022
39 f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado -
Educação Física) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientador: Adalgiso Coscrato Cardozo

1. Educação Física. 2. Iniciação esportiva. 3.
Métodos de ensino-aprendizagem. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Guilherme Mazero Cella

Iniciação esportiva ao futebol: uma revisão sobre suas fases e métodos de ensino-aprendizagem

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física

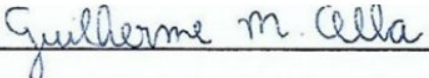
BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Adalgiso Coscrato Cardozo (orientador)

Prof. Me. Kauan Galvão Morão

Prof. Dr. Carlos Alberto Anaruma

Aprovado em: 6 de Julho de 2022



Assinatura do(a) discente



Assinatura do(a) orientador(a)

RESUMO

O futebol é o esporte mais praticado do mundo. No Brasil, a paixão por ele é indiscutível. Diante desses fatos, desde cedo surge o interesse pela prática da modalidade, seja por influência dos pais, da escola ou do próprio gosto da criança. A esse primeiro contato com o esporte denominamos iniciação esportiva, que vai desde esse momento até a fase final da adolescência, na qual existe a possibilidade de se especializar ou não naquilo que pratica. Todo esse processo pode e deve ser dividido em fases, cada uma delas com suas características, que vão auxiliar o professor/treinador a contribuir para o desenvolvimento da criança/aluno. Além dessas fases, existem métodos e técnicas para o ensino das modalidades, seja para aprimorar gestos técnicos, aprender conceitos táticos, ou até mesmo desenvolver qualidades que podem ser utilizadas não só no esporte em questão, como cooperação, trabalho em equipe entre outras. Diante disso, o objetivo desse estudo é, através de uma revisão da literatura, analisar os diferentes métodos de ensino-aprendizagem existentes, assim como detalhar cada fase existente na iniciação esportiva, especificando em certo momento para o futebol.

Palavras-chaves: Educação Física; Iniciação esportiva; Métodos de ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

Soccer is the most played sport in the world. In Brazil, the passion for him is indisputable. Faced with these facts, interest in the practice of the modality arises from an early age, whether due to the influence of parents, the school or the child's own taste. This first contact with sport is called sport initiation, which goes from that moment to the final stage of adolescence, in which there is the possibility of specializing or not in what you practice. This entire process can and should be divided into phases, each with its own characteristics, which will help the teacher/coach to contribute to the development of the child/student. In addition to these phases, there are methods and techniques for teaching the modalities, whether to improve technical gestures, learn tactical concepts, or even develop qualities that can be used not only in the sport in question, such as cooperation, teamwork, among others. Therefore, the objective of this study is, through a literature review, to analyze the different existing teaching-learning methods, as well as detailing each existing phase in sports initiation, specifying at a certain moment for soccer.

Palavras chaves: Physical Education; Sports initiation; Teaching-learning methods.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	6
1.1. Objetivo.....	9
1.2. Procedimentos de Pesquisa.....	10
2.FASES DA INICIAÇÃO ESPORTIVA.....	11
2.1.Iniciação Esportiva I.....	14
2.2.Iniciação Esportiva II.....	15
2.3.Iniciação Esportiva III.....	16
3.MÉTODOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....	18
3.1.Analítico-Sintético.....	19
3.2.Vantagens do Método Analítico-Sintético.....	21
3.3.Desvantagens do Método Analítico-Sintético.....	22
3.4.Método Global-Funcional.....	23
3.5.Vantagens do Método Global-Funcional.....	24
3.6.Desvantagens do Método Global-Funcional.....	25
3.7. Método Misto.....	27
3.8.Vantagens do Método Misto.....	29
3.9.Desvantagens do Método Misto.....	29
3.10.Método Teaching Games for Understanding.....	30
3.11.Vantagens do Método TGFU.....	32
3.12.Desvantagens do Método TGFU.....	33
4.CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

O esporte se faz muito presente no cotidiano de grande parte da população. Desde cedo, a criança, por intermédio dos pais, da escola ou do ambiente em que se desenvolve, já adquire um contato inicial com uma bola por exemplo. Depois disso, na própria escola ou em um clube (caso os pais optem por isso), essa criança passa a conhecer diferentes modalidades e experimentar cada uma delas. Trata-se da iniciação esportiva, definida por Ferreira (2001) como o primeiro contato da criança com o esporte. Seus fundamentos, princípios, características, regras e movimentações devem ser aos poucos apresentados de maneira simples e num nível de exigência com as capacidades de uma criança que está iniciando um novo processo.

Para isso, o processo da iniciação esportiva pode ser dividido em diversas fases, cada uma delas com sua especificidade, podendo levar em conta apenas a idade cronológica (PAES, 2001; GRECO E BENDA, 2001), a idade cronológica e biológica (BOMPA, 2002) ou então levar em conta o desenvolvimento motor e cultural da criança (FREIRE, 1998). Além disso, cada fase possui um método de ensino mais adequado, também levando em conta a fase de desenvolvimento que a criança se encontra e o esporte praticado, ressaltando que não há uma regra do melhor método, varia de acordo com os objetivos dos alunos e do professor.

Levando em conta o modelo proposto por Freire (2006), específico para o futebol, a iniciação esportiva é dividida em 6 fases, de 6 a 7 anos, de 7 a 9 anos, dos 9 aos 11 anos, dos 11 aos 13 anos, dos 13 aos 15 anos e dos 15 aos 16 anos, cada uma delas com suas características específicas e com um método diferente de ensino, os quais serão analisados posteriormente.

Entende-se que método é a forma utilizada pelo professor para conduzir os alunos para seu objetivo final, sendo uma prática de ensino. Método de ensino é a ação do professor, ao dirigir e estimular o processo de ensino em função da aprendizagem dos alunos, quando utiliza intencionalmente, um conjunto de ações e condições externas procedimentais, visa um melhor entendimento do aluno (TENROLLER; MERINO, 2006). Cabe, portanto, ao professor definir qual método é o mais adequado para determinada faixa etária e determinado desenvolvimento motor ao qual uma ou um grupo de crianças se encontra.

Dentre as inúmeras possibilidades de ensino, o presente estudo irá abordar algumas delas, apontando e analisando suas principais características. Método Analítico-Sintético, método Global-Funcional, método misto e Teaching Games for Understanding serão desenvolvidos nesta revisão.

Para Perfeito (2009), o método analítico-sintético refere-se a exercícios por partes que tem como foco o ensino através dos fundamentos técnicos da modalidade esportiva. Ou seja, dentro do futebol, que é o foco do estudo, os fundamentos são ensinados separadamente, para depois de adquirido certo domínio dele, possa ser aplicado dentro do jogo. Os exercícios possuem certo grau de especificidade e são consideravelmente repetitivos.

Em se tratando de método global, estamos falando do princípio metodológico global funcional, que se tornou muito popular por se basear na utilização de uma "[...] sequência de jogos simplificados a partir da real exigência do esporte [...]" (GRECO, 2001, p.55), estimulando a criatividade, a tomada de decisão e a cooperação dos alunos, e trabalhando diversos fundamentos em conjunto, sempre simulando aquilo que é exigido no jogo, sem separar em partes o ensino dos fundamentos.

Quanto ao método misto, como o próprio nome diz, abrange alguns aspectos do método analítico e alguns aspectos do método global, procurando extrair os principais pontos positivos de cada um deles. Como exemplo simples da sua utilização, supõe-se uma aula de futebol, na qual primeiro os alunos tem o contato com um jogo propriamente dito, para depois realizar alguns exercícios técnicos (de repetição por exemplo) de passe ou finalização, para no final voltar para o jogo novamente, buscando executar os fundamentos trabalhados da melhor maneira possível.

A última proposta de ensino a ser revisada nesse trabalho será o Teaching Games for Understanding (TGFU), que de forma simplificada, tem como objetivo que o aluno aprenda a tática antes dos gestos técnicos. Através de jogos reduzidos, com espaço e número de jogadores reduzidos, possíveis adaptações da regra, mas com o conceito tático semelhante ao jogo formal.

Comparando brevemente os métodos apresentados, percebe-se que o global funcional tem um foco maior no jogo, enquanto o analítico só faz esse contato da criança com o jogo depois de certo tempo de prática. O método misto utiliza características de ambos, enquanto o TGFU foca quase que

exclusivamente no jogo reduzido, utilizando dos aspectos táticos do jogo formal, mas sem foco nos gestos técnicos.

Pensando na iniciação esportiva do futebol, esporte tema deste trabalho, cabe ao professor analisar todos os métodos possíveis, analisar também as fases da iniciação atrelada as fases de desenvolvimento da criança, para planejar de forma correta a aula, a fim de promover um bom desenvolvimento dos alunos e tentar ao máximo tornar a prática do esporte algo prazeroso a eles. Não há uma regra ou metodologia pronta para isso, mas é possível identificar métodos mais adequados para utilização na iniciação esportiva.

1.1 Objetivo

O presente estudo tem como finalidade analisar alguns métodos de ensino-aprendizagem, comparando suas características a fim de indicar qual é o mais adequado, além de analisar as diferentes fases da iniciação esportiva.

1.2 Procedimentos de Pesquisa

A fim de estudar sobre a iniciação esportiva ao futebol, foi elaborado uma revisão de literatura, com base em diversos materiais sobre o assunto, com o objetivo de apresentar uma nova visão sobre esse assunto.

Os materiais pesquisados seguem uma sequência, analisados de forma separada inicialmente para depois serem relacionados. São eles: fases de desenvolvimento da criança aliado às fases da iniciação esportiva e métodos de ensino aprendizagem do futebol.

As pesquisas serão feitas através do Google acadêmico, consulta a sites esportivos, à livros da biblioteca Unesp e do banco de dados SCIE 1.0.

2 FASES DA INICIAÇÃO ESPORTIVA

A iniciação esportiva ou formação esportiva pode ser dividida de diferentes formas. Alguns autores preferem separar essas fases de acordo com a idade cronológica, enquanto outros utilizam a bagagem cultural e seu estágio de desenvolvimento para fazer essa separação.

Almeida (2005) prefere a idade cronológica para separar as fases, que de acordo com seu ponto de vista se dividem em três: iniciação esportiva, que abrange crianças de 8 e 9 anos e tem como objetivo adquirir habilidades motoras, seja global ou específica do esporte em questão, e que são realizadas da forma mais básica do movimento e através de jogos pré-esportivos. A fase seguinte, para crianças de 10 e 11 anos, um pouco mais específica para a modalidade, envolve o primeiro contato com elementos técnicos e táticos, além do ensino de regras do esporte, através de jogos e atividades esportivas, e recebe o nome, segundo o autor, de aperfeiçoamento esportivo. Por fim, avançando um pouco mais quanto à idade e conseqüentemente desenvolvimento, a fase final, de 12 e 13 anos, busca um aperfeiçoamento maior, tanto no aspecto técnico quanto tático, além de buscar qualidades físicas específicas do esporte praticado.

Arena e Bohme (2000), preocupados com a especialização precoce, dividiram as fases, também por ordem cronológica, porém com certa diferença nessa divisão por faixas etárias. As fases, assim como Almeida, são separadas em três etapas, porém a primeira delas inicia-se com 12 e 13 anos, chamada de iniciação e formação básica geral, seguida da fase de treinamento específico após os 13 anos e que consiste em aprimorar a técnica e os gestos motores específicos do esporte, além de uma estruturação mais definida, com sistematização do treinamento. Por último, a partir de 17 anos, a última fase tem como foco o alto-rendimento, sendo mais voltada para aqueles que buscam uma especialização no esporte, e tem como objetivo estabilizar e otimizar as capacidades já desenvolvidas pelo atleta\aluno.

Ainda nessa linha de raciocínio, porém de uma forma bem mais dividida, Greco e Benda (2001) dividem o processo da iniciação esportiva a longo prazo, sendo dividido em nove fases no total, todas de acordo com a idade cronológica e com conteúdos específicos a serem trabalhados. São essas as divisões e

conteúdos das fases determinadas pelos autores:

a) Fase pré-escolar (4 a 6 anos): O objetivo desse período é desenvolver um amplo repertório motor, e isso deve ser feito através da vivência de movimentos simples e diversos, que serão essenciais para as fases subsequentes;

b) Fase universal (6 a 12 anos): É considerada a mais importante fase do desenvolvimento, também pelo fato de ser a maior delas. Tem características gerais, ou seja, nada tão específico para o esporte praticado, e deve proporcionar uma variedade de movimentos através do lúdico, estimulando a coordenação, percepção e também o autoconhecimento da criança, tão importante para toda a sua vida;

c) Fase de orientação (12 a 14 anos): Os movimentos conhecidos na fase anterior, que começaram a serem treinados, passam a ser automatizados a partir dessa fase, o que passa a possibilitar uma realização de dois ou mais movimentos ao mesmo tempo, simultaneamente;

d) Fase de direção (14 a 16 anos): A partir dessa fase o aluno passa a vivenciar mais de uma modalidade esportiva, para que futuramente ele possa escolher seguir alguma mais especificamente. Geralmente as modalidades escolhidas se complementam quanto ao aspecto motor. Nesse estágio começa a ocorrer também um aperfeiçoamento da técnica, e o praticante começa a se especializar naquilo;

e) Fase de especialização (16 a 18 anos): As técnicas e táticas da modalidade praticada passam a ser executadas de maneira mais otimizada, com certo grau de perfeição. A partir disso e dessa idade, o alto rendimento já entra em assunto, com participação em competições diversas, e um trabalho psicológico passa a ser necessário também;

f) Fase de aproximação/integração (18 a 21 anos): Essa é a última etapa antes do alto rendimento, apesar de muitos jogadores começarem suas carreiras nessa faixa etária. É a fase de transição para uma possível carreira dentro do esporte como atleta;

g) Fase de alto nível (a partir dos 21 anos): É o alto rendimento, no qual é exigido o máximo do desempenho esportivo;

h) Fase de readaptação: Essa é uma fase sem idade pré-definida. Caso um atleta ou até mesmo um jovem aluno opte por abandonar a carreira ou

treinamento, essa etapa de readaptação é fundamental para que isso ocorra da maneira mais saudável possível;

i) Fase de recreação e saúde: Para aqueles acima dos 16 anos que optarem por praticar o esporte apenas por hobby ou pela saúde, essa fase requer um menor nível de comprometimento e consiste em programas de atividade física voltados para manutenção da qualidade de vida.

Trazendo essa temática um pouco mais específico para o futebol, tema dessa revisão, Freire (2006) apresenta uma proposta dividida em 6 fases, da seguinte forma:

-a) Entre 6 e 7 anos: o foco principal é o aspecto lúdico, no qual a criança deve passar a maior parte do tempo brincando. Contudo, regras já devem ser aplicadas, para que comecem a entender os conceitos e passem a assimilá-los;

b) Entre 7 e 9 anos: o foco começa a ser invertido gradativamente, no qual diminui a quantidade de brincadeiras e as regras começam a aparecer um pouco mais, e um pouco mais complexas também;

c) Entre 9 e 11 anos: é o momento dos alunos conhecerem e vivenciar as diferentes posições do futebol, para que posteriormente se identifiquem naturalmente com alguma delas, tudo isso feito de uma forma mais lúdica e descontraída;

d) Entre 11 e 13 anos: começa uma transição. Ainda deve proporcionar a vivência do aluno em diferentes posições, porém alguns aspectos táticos já devem ser inseridos, reduzindo um pouco a ludicidade da aula;

e) Entre 13 e 15 anos: o aluno começará a entender melhor, através da vivência, os conceitos de ataque e defesa. Além disso, é nessa fase que devem ser iniciados trabalhos um pouco mais físicos, como foco na preparação física dos alunos;

f) Entre 15 e 16 anos: nessa última fase, o foco principal, pensando até mesmo num possível alto rendimento no futuro, são os aspectos táticos e aprimoramento da técnica, além de uma intensificação do preparo físico.

Os autores até então citados preferem uma divisão por idade, de uma forma cronológica, apesar de entenderem a diferenças individuais de cada praticante. A partir de agora, vale ressaltar alguns autores que além da idade cronológica, analisam também os fatores individuais de cada aluno, como desenvolvimento, maturação, potencial genético, e preferem não pré definir o

tempo de duração de cada fase de desenvolvimento, dividida por eles em: 1) Iniciação Esportiva I, 2) Iniciação Esportiva II e 3) Iniciação Esportiva III.

2.1. Iniciação Esportiva I

De acordo com Oliveira & Paes (2004), essa fase abrange crianças que se encontram entre a 1^o e 4^o série, com idade aproximada de 7 a 10 anos. Para eles, o ensino da modalidade deve ter caráter lúdico e estimular a alegria das crianças, para que possam aprender a técnica e a tática de uma forma mais descontraída. Deve-se ressaltar também que as competições devem ser evitadas antes dos 12 anos, já que elas exigem uma perfeição, seja no aspecto técnico ou tático, gerando uma pressão desnecessária ao aluno.

Hahn (1989) pontua que essa primeira fase da iniciação é a mais propícia para o início do desenvolvimento das principais capacidades, como coordenação, velocidade e flexibilidade por exemplo. É nessa faixa etária que elas se encontram favorecidas em função da plasticidade do sistema nervoso central, e por isso atividades que trabalhem esse desenvolvimento devem ser escolhidas.

Paes (2001), ao apresentar os conteúdos que podem ser desenvolvidos nessa fase, ressalta o domínio do corpo, a manipulação da bola, o drible, o passe, e que a melhor alternativa para o processo de ensino-aprendizagem é o próprio jogo. Trazendo para o ambiente do futebol, o chute também é um fundamento a ser desenvolvido, e que a estratégia do jogo como forma de ensino parece ser válida e agradável para as crianças. Adaptações também podem ser feitas, como por exemplo simular situações de jogo em campos reduzidos, com espaços menores e traves menores também, nunca deixando de lado o caráter lúdico, porém com regras do futebol já apresentadas.

Ainda relacionado especificamente com o futebol, Filgueira (2006), ao invés de denominar essa primeira fase de iniciação esportiva I, escolhe o nome Fraldinha, determina a faixa etária aproximada de 7 a 9 anos, porém mantém os mesmos princípios dos autores que a chama de iniciação esportiva I. Segundo ele, o professor de Educação Física deve preparar as aulas a fim de proporcionar um desenvolvimento motor e psicológico, através de atividades recreativas.

Percebe-se então que nessa primeira fase da iniciação esportiva, seja ela

tratada de uma forma mais geral ou especificamente para o futebol, ambos os autores citados defendem um ensino com caráter recreativo que estimule a criança a participar e adquirir gosto pelo esporte praticado. Ainda nessa fase, o desenvolvimento das capacidades começam a acontecer e por isso devem ser estimulados durante as atividades. A técnica e tática podem começar a aparecer, porém não sendo o foco principal e muito menos exigindo algum nível de perfeição. Ainda assim, as regras não podem deixar de estarem presentes, para que a criança desenvolva desde cedo obediência dentro do esporte\jogo.

2.2. Iniciação Esportiva II

Resumidamente, ainda de acordo com os autores já citados acima, essa fase abrange crianças de 11 a 13 anos, as quais praticam variadas modalidades esportivas, e o aprendizado ocorre especificamente dentro da própria modalidade, e não de uma maneira mais generalizada como na Iniciação Esportiva I. Vale ressaltar que apesar do ensino dentro da modalidade ter um caráter mais específico, é importante primeiro que a criança tenha o contato com os mais diversos esportes, para que futuramente possa escolher algum deles para ser aprofundado.

De acordo com OLIVEIRA E PAES (2004), os jogos e atividades desenvolvidas nas aulas podem ser tanto do esporte praticado como de outros, possibilitando uma diversificação e uma bilateralidade, já que muitos movimentos de esportes diferentes se assemelham em alguns aspectos, como o drible no handebol e basquete. Quanto ao caráter competitivo, os campeonatos devem possibilitar a participação, deixando um pouco a disputa e rivalidade de lado, proporcionando uma educação sem focar nos resultados.

PAES (2001) pontua que nesse estágio os conteúdos devem conter aspectos técnicos e táticos dos esportes, o que ressalta e ensina as especificidades de cada um deles. Na prática, segundo ele, os fundamentos específicos também deve ser o foco das aulas e atividades. Apesar disso, é importante lembrar que conteúdos específicos, ainda mais os fundamentos técnicos, pelo alto grau de repetição necessário, podem desmotivar o aluno, por isso ainda é essencial nessa fase que o jogo em si seja priorizado, sempre

respeitando as características individuais de cada esporte, que é o que defende os autores nessa etapa da Iniciação.

Novamente trazendo o assunto para o futebol, Filgueira (2006) denomina essa fase como nível Dentinho. A faixa etária, um pouco diferente dos outros autores que utilizam o nome de Iniciação Esportiva II, abrange crianças de 9 a 11 anos, e é nela a melhor fase para a aprendizagem motora. O principal foco é aperfeiçoar os movimentos gerais e torná-los cada vez mais naturais. O método citado pelo autor para essa etapa são atividades dinâmicas sem gestos muito específicos, com grande variedade de exercícios, a fim de despertar a criatividade.

Resumindo de uma forma geral, essa fase da iniciação esportiva começa a ganhar um pouco de especificidade. Na fase anterior, os movimentos eram mais amplos e voltados para o desenvolvimento motor principalmente; já nessa, apesar de todas as modalidades serem trabalhadas, o conteúdo começa se tornar um pouco mais voltado para o ensino específico de cada uma delas. Há ainda alguns autores que defendem o ensino dos gestos técnicos como prioritário, porém a grande maioria deles ainda ressalta a importância da vivência do jogo propriamente dito.

2.3. Iniciação Esportiva III

Oliveira e Paes (2004) colocam como foco principal nessa fase a automatização e o refinamento do aprendizado. As crianças, de 13 a 14 anos, idade pré-determinada pelos autores, já aprenderam grande parte dos movimentos de cada esporte, e agora nessa fase vão, além de aprenderem alguns outros movimentos, tornar aqueles já vivenciados o mais automatizado possível, a fim de executá-los de forma natural, também em busca de um grau de refinamento e perfeição. É nesse período também que começa um direcionamento para uma modalidade específica.

Segundo Weineck (1991), o principal objetivo é desenvolver todas as capacidades a fim de preparar o adolescente para a vida adulta e para possíveis práticas específicas. Por ser uma fase de especialização, na qual o praticante começa a escolher seu esporte, começam a surgir os novos talentos, e para isso

as atividades passam a ser mais direcionadas, com aspectos mais técnicos-táticos a fim de preparar o aluno naquela modalidade.

Paes (2001), fazendo referência aos conteúdos das aulas, propõe que os alunos, além das experiências anteriores, passem agora a vivenciar situações de jogo, exercícios sincronizados, para colocarem em prática os fundamentos aprendidos a fim de automatizá-los. Especificamente, as aulas devem conter situações de ataque contra defesa, superioridade numérica, entre outras situações encontradas no jogo propriamente dito. Outra situação específica para os jogos coletivos e citada pelo autor é o contra-ataque, citada como "transição", e que também devem ser trabalhadas nessa faixa etária.

No futebol, a ideia geral dessa etapa é a mesma. Figueira (2006) denomina Dente de Leite a categoria e muda novamente a faixa etária comparada com os outros autores. Para ele, crianças de 11 a 13 anos se encaixam nessa fase e começam a desenvolver uma formação motora específica, e o treinamento passa a ter características mais físicas, com o objetivo justamente do preparo físico e técnico, sendo a parte técnica uma questão de aprimoramento dos gestos motores já aprendidos anteriormente.

Portanto, nessa última fase da iniciação, seja de maneira ampla ou voltada para o futebol, as crianças começam a escolher a modalidade a ser praticada, seja por gosto pessoal ou por familiaridade com o esporte. Quanto ao lado específico para cada esporte, o objetivo principal é aprimorar tudo o que já foi aprendido anteriormente a fim de tornar naturais os mais diversos movimentos. Aspectos táticos também tem um foco maior nessa fase, através de atividades que possibilitem uma vivência o mais próximo possível do jogo propriamente dito, a fim de que o praticante entenda suas características e regras, assim como a imprevisibilidade que somente o jogo pode proporcionar.

3 MÉTODOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Muito se discute sobre os diferentes métodos existentes na iniciação esportiva para o ensino de alguma modalidade. Há autores que defendem determinado método e há aqueles que são mais flexíveis e preferem utilizar o melhor que cada um pode oferecer. Quanto a uma divisão, nesse caso não acontece uma separação pré-definida, como ocorre com a faixa etária durante os estágios da iniciação esportiva. Para os métodos de ensino-aprendizagem, não há uma regra geral, as escolhas variam muito de acordo com o conhecimento e entendimento do professor, apesar de haverem evidências que podem direcionar o ensino de certa forma, fazendo uma relação entre o estágio de desenvolvimento dos alunos e o método mais adequado para tal estágio.

Bayer (2004) por exemplo afirma coexistir duas correntes de ensino, sendo uma delas mais tradicional, na qual o jogo é fragmentado em partes e o ensino também acontece assim, de um modo mais repetitivo com objetivo da memorização do gesto técnico e a outra um tanto quanto ativa, que oferece ao aluno situações de jogo para gerar imprevisibilidade, para que assim ele adquira o conhecimento através dessas situações.

Garganta (1998) tem uma ideia que corrobora com a do autor citado acima, e também divide em dois os modelos principais de ensino, sendo o primeiro mecanicista em que o jogo é dividido em partes, que são os elementos técnicos nele presentes, e aí sim eles são aprimorados de uma forma separada. O outro modelo também cita o jogo propriamente dito e defende a aprendizagem da técnica através da tática presente nele, além da imprevisibilidade que não acontece quando o ensino é mecanicista.

Os métodos de ensino serão utilizados pelo educador físico de acordo com a idade e realidade da turma, utilizando-se de alternativas metodológicas. O objetivo do determinado método a ser escolhido pelo professor está especificamente ligado com os propósitos a se atingir (TENROLLER; MERINO, 2006). Essa fala do autor ressalta o que foi falado do início desse tópico, de que não há uma regra geral para o método utilizado, e sim uma visão do professor de tomar a melhor decisão possível de acordo com a faixa etária e nível de desenvolvimento da turma.

A seguir serão detalhados alguns diferentes métodos de ensino aprendizagem que podem ser adotados pelos profissionais de educação física durante a iniciação esportiva de diferentes jogos esportivos coletivos, principalmente para o futebol, tema desse trabalho. São eles: Analítico-Sintético, Global-Funcional, Misto e Teaching Games for Understanding.

3.1.Método Analítico-Sintético

Segundo Baldy (2006), esse método surgiu de algumas experiências consideradas positivas durante o treinamento de esportes individuais, mais especificamente natação e atletismo, e era o modelo mais utilizado até meados de 1990, em que até mesmo o ensino dos esportes coletivos era nele baseado.

De uma maneira geral, ele consiste em fragmentar o jogo em partes, chamadas de fundamentos, os quais constituem o jogo propriamente dito, e partir daí selecionar os gestos técnicos presentes e ensiná-los aos alunos, ou até mesmo aprimorar esses gestos já aprendidos. Duarte (2006) descreve que o método analítico é fragmentado em diversos fatores de ensino, são exercitados cada um deles de forma separada, para depois de aprendidos serem integrados numa real situação de jogo.

O método analítico tem por objetivo a otimização do gesto técnico (passe, drible, chute) e pode ser utilizada na fase da especialização e alto rendimento num sistema de formação esportiva (SILVA, 2007). De acordo com o autor, pode-se perceber que esse modelo de ensino é utilizado para qualquer faixa etária, e não necessariamente para alunos da iniciação que estão tendo os primeiros contatos com o esporte e vão aprender os gestos técnicos. Num alto rendimento ou especialização por exemplo, o treinamento de fundamentos específicos e de maneira separada pode servir para um maior aprimoramento do gesto treinado, a fim de ser executado com o maior grau de perfeição possível.

Segundo Coutinho e Silva (2009), o ensino é baseado no tecnicismo individual, se tornando um modelo rígido de certa forma e com alto grau imitativo. Durante o treinamento, basicamente a criança deve repetir\imitar o gesto, o movimento que lhe é apresentado, semelhante a um modelo adulto, porém um pouco adaptado para cada faixa etária.

Segundo Rezende (2008), o método parcial apresenta alguns princípios:

a) Segue a lógica da progressão do simples para o mais complexo. Ou seja, primeiro devem ser ensinados os movimentos mais simples, para depois partir para aquele com certo grau de dificuldade;

b) As oportunidades de repetição devem ser suficientes para contribuir para movimentos automatizados. Sendo assim, um fundamento só pode ser considerado aprendido depois de se tornar algo natural para o aluno;

c) A correção dos erros pelos professores deverá ser adequada, evitando vícios técnicos.

Relacionando esse método ao futebol especificamente, ele foi o mais utilizado inicialmente, nos primórdios, seja em escolinhas, nas categorias de base ou até mesmo no profissional (LEITÃO, 2010). Apesar de haverem diversos outros métodos que foram surgindo ao longo do tempo, o analítico ainda é muito difundido, e foi encontrado por Pinto e Santana (2005) como o mais utilizado em aulas de futsal.

Alves e Souto (2009), e Armbrust, Silva e Navarro (2010) encontraram melhoras nos gestos técnicos do futebol após a aplicação desse método, que é capaz de promover repetições do mesmo movimento em específico, fazendo com que o aluno foque sua atenção apenas naquilo e aprimore ao longo do tempo o fundamento em questão.

Contraposições surgem quanto ao aspecto cognitivo ser pouco exigido nesse modelo de treinamento, já que basta repetir o movimento que lhe é ensinado, sem grandes exigências cognitivas. Porém, Corrêa, Silva e Paroli (2004), e Silva e Greco (2009) encontraram evidências que mostraram não haver diferenças significativas para jogadores de futsal quando comparados com outros métodos de ensino.

A seguir serão destacadas as principais vantagens e desvantagens do método analítico-sintético, assim como serão feitas com os outros métodos citados no trabalho, para posterior conclusão sobre qual deles pode ser considerado o mais ideal a ser utilizado para a iniciação esportiva.

3.2. Vantagens do método Analítico-Sintético

Assim como todos os outros métodos existentes, esse até agora citado apresenta seus lados positivos e seus aspectos negativos. Cabe, portanto, ao professor saber analisar todos eles, extraindo as vantagens e buscando ir contra suas desvantagens, a fim de tornar a aula a mais adequada possível, podendo utilizar um ou mais métodos diferentes.

Especificamente falando das vantagens do método Analítico-Sintético, Perfeito (2009) destaca o papel relevante que ele ainda possui na iniciação esportiva, acreditando que a ênfase deve ser dada ao ensino do gesto técnico, pois acredita que o aluno só terá rendimento satisfatório no jogo se dominar cada fundamento.

Ainda de acordo com ele, as vantagens são inúmeras, como:

a) É possível desenvolver a técnica correta de cada movimento do esporte praticado;

b) O êxito pode ocorrer mais facilmente, pois o ensino é fracionado em etapas, geralmente do mais fácil para o mais avançado;

c) As correções podem ser feitas mais facilmente pelo professor, inclusive de uma forma mais individualizada;

d) Ocorre uma progressão na aprendizagem que pode ser controlada facilmente. Apesar de haver diferenças individuais, é possível que todos evoluam ao mesmo tempo.

Greco (2001) cita a possibilidade do próprio aluno se auto avaliar durante esse modelo de treinamento. Com o passar dos treinos, ele já se torna capaz de perceber melhora e evolução no gesto técnico até então treinado. Além disso, ele cita também as vantagens de rápida melhoria técnica e progressão no aspecto físico.

Costa (2003) corrobora com as ideias acima e também lista uma série de vantagens desse método de ensino, que são segundo o autor:

a) Treino motor de todos os elementos técnicos presentes no jogo, com possibilidade de aprofundamento em cada um deles;

b) Correções imediatas por parte do professor;

c) Dividir o treinamento em estágios de aprendizagem, para que todos

tenham uma progressão, sendo possível respeitar as individualidades de cada um.

A partir disso é possível afirmar que os autores que defendem esse modelo corroboram com grande parte das ideias e citam basicamente as mesmas vantagens, evidenciando que esse método apresenta sim aspectos positivos e pode, se de forma adequada, ser utilizado pelos professores nas aulas, sempre levando em conta a faixa etária a ser trabalhada e as características de cada turma.

3.3. Desvantagens do método Analítico-Sintético

Apesar de haver algumas vantagens, esse modelo apresenta também alguns aspectos negativos, que talvez façam com que muitos autores e professores especializados não indiquem ele como o melhor método a ser utilizado. A principal justificativa para isso é o fato do jogo propriamente dito ser deixado de lado. Garganta (1995) diz que o foco no ensino das habilidades técnicas acaba descontextualizando a realidade do jogo, e que ocorre uma dificuldade do aprendizado de conhecimentos específicos da modalidade, como questões táticas e a imprevisibilidade dos esportes coletivos.

Costa (2003), além de destacar esse fator de descontextualização do jogo, ainda cita a falta de motivação que esse método de ensino pode causar nos alunos, já que proporciona um ambiente monótono e pouco atraente, além de fazer com que os praticantes basicamente repitam uma série de movimentos, sem um objetivo específico.

Segundo Junior (2015), esses problemas são causados porque o aluno não vivencia as situações do jogo, dessa forma o mesmo não se depara com adversários, regras, tempo, tomadas de decisões e outras demais situações que acontecem durante o jogo propriamente dito. Tudo isso, além de ocasionar a desmotivação já citada acima, deixa de desenvolver aspectos cognitivos nos alunos, pois a imprevisibilidade do esporte coletivo causa uma necessidade de tomar decisões, o que não acontece quando a aula foca apenas no ensino do gesto técnico.

Greco (1998), além de falar sobre todos esses aspectos negativos já

citados pelos autores acima, ressalta também que os elementos técnicos e táticos, quando treinados de forma isolada, por não apresentarem um propósito claro naquele momento, dificultam o entendimento dos alunos quanto ao processo de aprendizagem. Outro ponto é que o treinamento da equipe como um todo quase que não ocorre, já que o treinamento técnico tem foco no indivíduo. A última desvantagem por ele citada é que essa forma de ensino é totalmente oferecida pelo professor, ou seja, ele passa os movimentos a serem treinados e os alunos apenas o repetem. Atividades que oferecem situações de jogo fazem com que os próprios praticantes promovam movimentos diferentes.

Numa breve síntese sobre o método analítico-sintético e após analisar suas vantagens e desvantagens, percebe-se que os aspectos negativos se destacam e que numa aula de iniciação esportiva de futebol, os ganhos são menores quando comparados com aulas que envolvam mais situações relacionadas ao jogo propriamente dito. Talvez o principal destaque a ser feito é referente à falta de motivação que uma aula repetitiva pode causar nos alunos, o que pode ser muito prejudicial e levar ao abandono da modalidade.

3.4.Método Global-Funcional

Se de um lado temos o método analítico que fraciona o jogo em partes para ensinar cada gesto técnico de maneira separada, o método global é o oposto disso: o ensino ocorre a partir de elementos do jogo e do jogo propriamente dito. Gonçalves (2012) coloca que nesse método o ensino é através do jogo, devido a uma crença que existe de que aprendemos apenas jogando, e o entendimento ocorre a partir das experiências, seja ela do próprio jogar ou até mesmo de interações sociais que o jogo vai proporcionar.

Segundo Santana (2001), partindo dessas mesmas ideias do aprendizado através do jogo, diz que o ensino deve partir da totalidade do movimento, e não de cada um deles fracionado. Ainda segundo o autor, devem ser utilizados jogos reduzidos, pré-desportivos e o jogo formal, todos eles com regras adaptadas e sendo inseridas aos poucos, facilitando a assimilação por parte dos alunos.

Finalizando essa breve introdução sobre a ideia geral do método em questão, Filgueira (2014) ainda acrescenta que ele procura desenvolver o ensino

do esporte englobando todos os seus componentes, que são o técnico-tático, físico e emocional, além de trabalharem os fundamentos em sua totalidade. Outro ponto ainda não citado, ele leva em conta a imprevisibilidade presente no jogo, além da sua complexidade, buscando aproximar o praticante de uma real situação de jogo.

Especificamente tratando da iniciação esportiva ao futebol, o método global funcional é basicamente aquelas atividades que se aproximam das situações do jogo, como por exemplo um trabalho de ataque X defesa, um jogo com número reduzido de jogadores, um jogo com o campo reduzido ou tamanho do gol reduzido, e até mesmo um coletivo em campo do tamanho padrão. As possibilidades são muito variadas dentro desse modelo, cabe ao professor utilizar aquelas que julga mais adequada para sua turma.

Costa (2003) faz uma classificação do método global funcional. Segundo ele, são três as subdivisões:

a) Pequenos Jogos Esportivos: são jogos que contenham os elementos básicos do esporte em questão, com poucas regras e de estrutura simples, podendo ser até mesmo alguma brincadeira adaptada, não necessariamente relacionada com o esporte praticado;

b) Jogo Simplificado: as atividades passam a ser muito semelhantes ao jogo propriamente dito, com grande parte das regras e mesmos objetivos. Já se observa situações táticas, de ataque contra defesa e estratégias também já são criadas;

c) Grande Jogo: é o objetivo final da aprendizagem e já passa a conter todos os elementos técnicos e táticos já aprendidos e vivenciados anteriormente.

Tenroller (2004), faz uma outra classificação, dessa vez referente às variações que o método Global possui. São elas, de acordo com o autor:

a) Método Global em forma de jogo ou Método de Confrontação. Basicamente é semelhante ao Grande Jogo citado por Costa, e parte do princípio de que se aprende um esporte a partir do próprio jogo, como um todo, com todos os fundamentos;

b) Método de Séries em Jogos. Consiste em pequenos jogos, semelhante ao esporte em questão, porém cada fundamento é trabalhado por vez. Citando um exemplo no futebol, desenvolve-se um jogo reduzido no qual só pode ser realizado passes. Em seguida, só poderá ser feito passe após a realização de

algum drible por exemplo. Nesse método, é possível analisar mais precisamente os jogadores e identificar alguns possíveis problemas;

c) Método Recreativo. É o mais adotado na iniciação esportiva, pelo fato de tornar a aula muito mais lúdica e conseqüentemente atraente para os alunos;

3.5. Vantagens do método Global-Funcional

Do mesmo modo que classifica esse método em três diferentes subdivisões, Costa ainda cria uma lista com as principais vantagens que ele apresenta, sendo elas:

a) O aprendiz vivencia o jogo desde cedo. É fundamental que a aula contenha em algum momento o jogo em si ou aquilo mais próximo possível, até mesmo para que o aluno conheça na prática a modalidade que ele está vivenciando;

b) A técnica e a tática caminham lado a lado. Por apresentarem quase que na totalidade situações de jogo, as atividades vão trabalhar tanto aspectos táticos quanto aspectos técnicos, mesmo que em algum momento algum deles tenha um foco maior do que o outro. Isso não ocorre no método analítico por exemplo, já que o ensino é fragmentado, cada habilidade é aprendida de cada vez;

c) Todos os elementos vão estar envolvidos durante a prática, seja aqueles específicos do próprio esporte, que são os fundamentos, ou até mesmo reação, percepção, ritmo, habilidades um pouco mais gerais;

d) Aumenta a motivação da prática. Vivenciar e jogar o jogo de fato é o que mais motiva o aluno a estar presente na aula. Aulas técnicas e repetitivas não são do agrado da grande maioria. Portanto, aproximar as atividades daquilo que acontece no jogo vai motivar ainda mais os alunos, fazendo com que tenham ainda mais interesse pela prática.

Complementando as vantagens citadas por Costa, Rezer (2003) relata que ao gerar situações problema presentes no jogo, as possibilidades de percepção aumentam, possibilitando uma resolução mais fácil dos mesmos, devido à leitura adquirida. Santana (2005), na mesma linha de raciocínio, cita o termo tomada de decisão. Para que isso aconteça, o aluno tem que se deparar

com adversários, posicionamentos, imprevistos, que só são gerados a partir de situações de jogo. A partir de tomadas de decisão, segundo o autor, o praticante se torna mais inteligente pra jogar, e a partir daí as habilidades são desenvolvidas mais facilmente, sejam elas técnicas ou táticas.

Como última vantagem a ser acrescentada, atividades que envolvam equipes trabalham aspectos como cooperação, trabalho em equipe, respeito pelo adversário, entre diversas outras qualidades, que serão fundamentais não só para a vida no esporte, mas também para toda a vida pela frente que a criança vai enfrentar. A possibilidade do ganhar e do perder, de saber lidar com a vitória e principalmente com a derrota são fundamentais também para o desenvolvimento da criança.

3.6.Desvantagens do Método Global-Funcional

Assim como cita diversas vantagens, Costa (2003) também lista alguns aspectos negativos desse modelo de ensino, sendo eles:

a)Possível desmotivação do aluno causada pela dificuldade de perceber seu progresso técnico. Citando um exemplo de um treino do modelo analítico por exemplo, o aluno poderia perceber sua evolução a medida que conseguisse acertar uma maior quantidade de passes durante o exercício. Numa aula global, pelo aspecto imprevisível e variável que apresenta, pode ser mais difícil adquirir essa percepção de melhora;

b)Se de um lado pode ser difícil para o aluno perceber melhoria, para o professor pode acontecer o mesmo. Como todos praticam ao mesmo tempo e em conjunto e devido a toda a imprevisibilidade já citada, uma avaliação eficaz sobre o desempenho de cada atleta pode não ocorrer;

c)Uma das causas dessa avaliação não ser tão precisa ocorre pelo fato da dificuldade de atender individualmente cada aluno. As atividades são dinâmicas e as pausas podem atrapalhar o andamento, e por isso torna-se difícil corrigir possíveis limitações individuais dos alunos;

d)Outra dificuldade bastante presente é com relação ao direcionamento dos objetivos para aprimoramento. Como todas as habilidades são trabalhadas

em conjunto, aprimorar exclusivamente apenas uma delas se torna difícil, dificultando também definir um objetivo específico para a aula.

Segundo Paes e cols. (2009), numa comparação entre os métodos analítico e global, ele também lista algumas desvantagens do segundo modelo. Entre elas, ele coloca como desfavorecida a relação do aluno com a bola, pelo fato da aula global não garantir esse contato a todo momento, apesar de existirem estratégias que favoreçam esse maior contato. Outro ponto negativo destacado, é que segundo os autores pode ocorrer um aprendizado e fixação de forma errada, devido a dificuldade de correções individuais durante a aula. Como último aspecto considerado ruim para a aprendizagem, por trabalhar simultaneamente com muitas informações, envolvendo vários fundamentos técnicos e aspectos táticos, o entendimento do aluno daquilo que é mais importante pode ser prejudicado, afetando conseqüentemente seu processo de aprendizagem.

Analisando os prós e contras do método global-funcional, é possível perceber que os aspectos positivos são maiores que os negativos, dando indícios de que esse modelo pode ser uma boa estratégia de ensino. Porém, alguns aspectos negativos podem atrapalhar a sequência do aprendizado, e o método analítico é capaz de solucionar alguns desses problemas. Diante disso, alguns outros modelos foram criados a fim de reduzir ainda mais os pontos negativos dos outros métodos já citados acima, alguns deles que contém bastante semelhanças com os métodos analítico e global, e que serão destacados a seguir.

3.7.Método Misto

Analisando individualmente os métodos global e analítico, é possível perceber que ambos possuem suas vantagens e suas desvantagens. Além disso, mesmo com todas as vantagens que algum método possa apresentar, é quase impossível contemplar durante a aula todos os aspectos presentes no esporte. Por exemplo, uma aula analítica possui um foco na técnica, já uma aula global possui aspectos semelhantes ao jogo porém pode não desenvolver uma técnica tão correta de todos os movimentos. A partir disso, é possível que uma

aula seja planejada utilizando dentro dela mais de um método de ensino. Uma dessas possibilidades é a utilização do método misto.

De acordo com COSTA (2003) o método misto é a junção dos métodos analítico-sintético e global-funcional. Como o próprio nome diz, é a união de outros métodos, a fim de possibilitar a prática de exercícios isolados, como acontece no método analítico e utilizar do próprio jogo em si como forma de iniciação, característica do método global. O professor, dentro desse estilo de aula, tem a autonomia para decidir a ordem dos exercícios e a quantidade, podendo variar suas aulas em dias com mais exercícios isolados e outros dias com mais jogos por exemplo.

Tenroller (2004), ao definir o método misto, além de confirmar ele como sendo a sincronização dos outros dois métodos anteriores, diz que primeiramente deve acontecer a execução do gesto completo, para que depois ocorra uma correção do movimento por parte do professor. Depois disso, volta novamente para a prática completa, e assim sucessivamente.

Nesse método a aplicabilidade da técnica é realizada de forma separada para que quando se aproximar de um nível apropriado, seja realizado o jogo formal (ROMÃO; BARBOSA; MOREIRA, 2017). Isso que foi dito corrobora com a ideia acima e também com Casagrande (2012), que cita primeiramente o gesto técnico de forma integral, posterior fragmentação do gesto com finalidade de correções por parte e em seguida essas correções são aplicadas no jogo novamente.

Pinho (2009), analisando esse estilo de ensino, cita sua importância ao ressaltar a experiência completa que ele fornece ao aluno, já que no método analítico não se tem o contato com o jogo e no método global algo pode ter ficado mal compreendido durante a prática. Caso aconteça é possível então quebrar o movimento em partes para que o aluno entenda e aprenda cada uma delas.

Trazendo um exemplo de aula utilizando o método misto, Caldas et al. (2011) sugere um início com exercitação do movimento (drible por exemplo), depois uma atividade utilizando desse fundamento (algum tipo de pega a pega com drible) e depois a parte principal da aula, de acordo com os objetivos do professor naquele dia.

3.8. Vantagens do método Misto

Casagrande (2012), ao se referir às vantagens desse método, principalmente ao comparar ele com os outros citados anteriormente, diz que a principal delas é a possibilidade de unir atividades que irão promover melhorias nos gestos técnicos primeiramente (que são as atividades encontradas no método analítico) e posteriormente realização do jogo formal (que são os aspectos encontrados numa aula global), o que irá proporcionar uma maior motivação por parte dos atletas\alunos. Acredita-se que, devido a esse fator motivacional, a prevalência desse método é bem evidente nos dias atuais, tanto em clubes esportivos quanto nas aulas de Educação Física das escolas.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, alguns autores (CANFIELD & REIS, 1998; GRECO, 2007) apresentaram algumas vantagens em relação a essa abordagem. Segundo eles, a técnica e a tática são assimiladas desde o início do processo, já que é possível trabalhar a técnica quando a aula focar mais na parte analítica e trabalhar a tática quando possuir mais aspectos globais. Além disso, a resolução de problemas é bastante exigida, principalmente nas atividades parecidas com o jogo formal, o que acaba desenvolvendo bastante nas crianças e estimulando e incentivando uma participação mais ativa no jogo.

3.9. Desvantagens do Método Misto

Se por um lado as vantagens são citadas, os mesmos autores citados no parágrafo acima também citam algumas desvantagens da abordagem. Dentre elas, eles citam o fato do processo de ensino aprendizagem ser mais lento quando esse método é utilizado, o que pode ser justificado pelo fato de o jogo propriamente dito ser vivenciado após o aprendizado correto da técnica, e quando percebe-se que durante o jogo algo ainda não foi aprendido corretamente, volta-se novamente para o aprimoramento da técnica, e assim sucessivamente. Outra desvantagem tem relação com o professor. Segundo os autores, se o profissional não for especializado, o ensino pode ser comprometido, pois a construção de atividades pode não ser adequada, podendo ocorrer precipitações seja da transição da parte técnica para o jogo ou

vice e versa.

Analisando as vantagens e desvantagens, é possível perceber que o método misto é mais completo quando comparado com o método global ou analítico, pois ele busca na teoria extrair as vantagens e benefícios separadamente de cada método e uní-los numa aula que contemple ambos. Basicamente, esse modelo é um compilado dos outros dois métodos, buscando trabalhar em cima das vantagens de cada um deles. Porém, como todo método, ele possui suas desvantagens, que mais podem ser consideradas dificuldades, já que unir dois outros métodos distintos é uma tarefa difícil e requer uma especialização por parte do professor que vai aplicar.

3.10.Método Teaching Games for Understanding

Bunker e Thorpe (1986), em suas linhas de pensamento, criticaram principalmente os métodos tradicionais de ensino, mais especificamente as aulas analíticas que focavam na repetição dos gestos motores. A partir disso introduziram uma proposta pautada no Teaching Games for Understanding (TGfU), na qual é defendida a ideia de que não é necessário aguardar o desenvolvimento da técnica para a compreensão da tática, e que ela, junto com as regras e alguns detalhes modificados são mais atraentes para os alunos.

Segundo Araújo (2006), o objetivo desse modelo é que os alunos aprendam aspectos táticos através da prática, sendo essas versões modificadas do jogo de acordo com o as necessidades e nível de experiência de cada turma. Seguindo as mesmas ideias, Mitchell, Oslin e Griffin (2003) afirmam que as crianças aprendem a solucionar problemas através da vivência do jogo, e que cabe ao professor elaborar atividades que estimulem isso, partindo do mais simples ao mais complexo. Kirk, Brooker e Braiuka (2000) classificam o aprendizado nesse modelo como ativo, já que o aluno deve se apropriar dos elementos ali presentes, interpretá-los e a partir disso buscar solucioná-los.

Contribuindo com a aplicação do modelo na prática, Kirk, Brooker e Braiuka (2000) dividiram o ensino em duas partes. A primeira é chamada de compreensão elementar do jogo e é nesse momento que os alunos devem analisar e perceber os mais variados elementos presentes no jogo, seja na parte

tática, técnica ou regras, a fim de relacionar as semelhanças do jogo reduzido com o jogo formal, possibilitando uma melhor transferência e compreensão. A próxima fase é denominada compreensão do jogo a partir das relações entre seus elementos e nela o aluno deve relacionar os diversos elementos de diferentes jogos e entender por exemplo que o passe está presente em grande parte deles, e que representa conceitos de noção espacial e comunicação, fundamentais para o jogo coletivo.

Light e Fawns (2003) destacam outro ponto sobre a metodologia em questão. Segundo eles os princípios do TGFU possibilitam a aprendizagem a partir da integração de elementos físicos, emocionais, culturais e sociais. Ainda de acordo com eles, o conhecimento será produzido a partir das relações que ele construir dentro da situação de jogo. Torna-se necessário então uma reflexão coletiva para entendimento do jogo e posterior elaboração de estratégias. Ocorre então a verbalização, pois é a partir da conversa que vão se criar estratégias para solucionar os problemas, desenvolvendo um conhecimento.

Criando mais uma divisão dos métodos de ensino dentro do modelo proposto, GRIFFIN e BUTLER (2005) buscaram nortear os professores através de quatro princípios pedagógicos, sendo eles:

a) Seleção do tipo de jogo, que se baseia na experiência de vários jogos a fim de identificar as semelhanças e as diferenças entre os esportes, podendo haver diferenças em jogos semelhantes e semelhanças em jogos bem distintos. Vale destacar que o trabalho em questão tem foco no futebol, e por isso os outros esportes trabalhados devem ser classificados como esportes coletivos, para que as ideias principais possam ser assimiladas e transferidas;

b) Modificação do jogo por representação, que envolvem jogos reduzidos com as mesmas estruturas táticas dos jogos formais, e tem como objetivo principal facilitar a compreensão de conteúdos táticos e possibilitar a tomada de decisão a partir de situações semelhantes ao jogo formal;

c) Modificação por exagero, que consiste em modificar o objetivo da tarefa com relação ao jogo formal, a fim de enfatizar a importância de algum outro aspecto presente no jogo. Citando um exemplo prático, numa atividade relacionada ao futebol, um gol só será validado se todos estiverem posicionados depois da linha de meio campo no momento do gol, caso contrário não será validado. Nesse caso um aspecto tático de avanço de linhas será o foco da

atividade, e não marcar o gol. Vale destacar que as regras e aspectos táticos do jogo formal ainda são mantidos normalmente;

d) Ajustamento da complexidade tática, que consiste basicamente em ajustar a aula para o nível dos alunos, por exemplo uma aula mais complexa taticamente para aqueles que dominam o esporte e uma aula menos complexa para uma turma mais nova ou iniciante. É importante destacar que o decorrer das aulas deve ocorrer um aumento gradativo na complexidade das atividades e tarefas, sempre de acordo com a evolução dos alunos.

3.11. Vantagens do método TGFU

Podendo ser citada como uma das principais vantagens desse modelo de ensino e corroborando com a ideia de Garganta (1998), está o fato de que quando a tática é aprendida primeiro, já se conhece as estruturas do jogo, e isso pode facilitar a aprendizagem de outras modalidades também. Como esse modelo tem linhas de pensamento que sugerem que o professor utilize outros esportes durante o ensino de algum esporte específico e apresente todas as semelhanças e diferenças entre eles, é provável que se torne mais fácil para o aluno aprender futuramente essas outras modalidades, já que vai ocorrer uma transferência das habilidades naturalmente.

Outra vantagem, segundo Graça e Mesquita (2002), seria com relação aos alunos com certo grau de dificuldade na modalidade a ser treinada. De acordo com eles, a implementação de jogos reduzidos e situações estruturadas podem facilitar a melhora do desempenho. Vale ressaltar que é função do professor saber selecionar corretamente as atividades, sempre levando em conta o nível da turma.

Outras vantagens a serem destacadas são: a aula não é monótona/repetitiva como acontece no modelo analítico e possivelmente no método misto; a tomada de decisão é bastante desenvolvida já que esse modelo exige que o praticante busque solucionar as situações-problema presentes no jogo; ocorre uma maior interação professor/aluno, pois sempre que necessário o professor para a atividade para conversar com os alunos a fim de resolver os problemas que eventualmente surgem.

3.12.Desvantagens do método TGFU

Segundo Greco (2001), umas das desvantagens é que o aluno pode não conseguir executar aquilo que entende. Por trabalhar muitos jogos reduzidos e envolver também a parte teórica de discussão das situações-problema, é bem provável que o aluno vá entender quase que perfeitamente todos os aspectos táticos e suas variações dentro da modalidade, porém no momento do jogo formal ele pode sentir certa dificuldade em fazer essa transferência e então não executar corretamente tudo aquilo que ele já tem bem claro em seu pensamento.

Outro ponto são as discussões realizadas entre as atividades, que servem para estimular os alunos a solucionarem os problemas e dificuldades encontrados durante a prática. É importante que o professor saiba o momento certo de interromper o jogo e não prolongue muito essas conversas, já que isso pode se tornar um fator desestimulante para a criança.

Ainda relacionado com quem vai comandar a aula, outra desvantagem ou dificuldade é que é de suma importância que o professor domine o método, a fim de extrair dos alunos o máximo possível, sendo necessário uma boa qualificação do profissional.

Mesmo com algumas desvantagens como qualquer outro método também apresenta, fica evidente que as vantagens do TGFU são maiores quando comparadas com os aspectos negativos. É possível perceber, portanto, que esse modelo é adequado para qualquer faixa etária e dificilmente algum aluno vai se desmotivar com as atividades que são propostas pelo método em questão.

4 CONCLUSÃO

A partir desta revisão literária, fica claro que a Iniciação Esportiva possui diversas etapas, também chamadas de fases, que podem ser divididas por idade cronológica, que é a estratégia mais observada principalmente no futebol, na qual as categorias de base ou escolinhas dividem suas turmas com base na idade das crianças e adolescentes; ou também pode ocorrer uma divisão pelo nível de desenvolvimento das crianças, por exemplo, crianças iniciantes treinam juntas e crianças mais avançadas treinam juntas porém em turmas distintas das iniciantes. Mesmo nos casos de classificação por nível de desenvolvimento, a idade também deve ser levada em conta, já que uma criança iniciante é diferente de um adolescente iniciante, o mesmo acontece para os mais avançados. No futebol, por exemplo, as categorias são divididas por idade, sendo sub 17, sub 15, sub 13, sub 11, sub 9, sub 7, porém, dependendo do nível da criança, ela pode se encaixar numa categoria superior à da sua idade. Cabe, portanto, ao profissional escolher a forma mais adequada de separar as turmas com as quais irá desenvolver as suas aulas. Além da separação de turmas, o professor também deve saber os conteúdos a serem trabalhados. Cada faixa etária ou cada etapa de desenvolvimento requer uma atenção diferente, um foco diferente. Para idades menores, o lúdico é fundamental e a técnica e tática são consideradas menos importantes. À medida que o tempo passa, aspectos técnico-táticos começam a ser introduzidos e passam a ter um foco maior, e os aspectos lúdicos ainda são mantidos, porém com um direcionamento maior.

Outro assunto analisado nesse trabalho foram alguns dos diversos métodos de ensino-aprendizagem existentes, nos quais foram destacados suas principais características, suas vantagens e desvantagens. Inicialmente, o método analítico-sintético, o qual tem um foco maior no ensino da técnica do movimento, através da repetição de movimentos até a obtenção de um gesto motor adequado para a prática do jogo em si. Foi possível perceber que, apesar de realmente ser eficiente para aquisição da técnica, esse modelo não é muito indicado já que tira os alunos da vivência do jogo propriamente dito, e isso pode afetar o processo de assimilação e causar desmotivação para quem pratica. Em contra partida, o método global-funcional sugere o ensino através de atividades

semelhantes ao jogo ou que contenham aspectos encontrados no jogo. Muito mais sugerido que o modelo analítico já que consegue trabalhar os aspectos lúdicos tão importantes para o desenvolvimento da criança e possui a ideia de que se aprende jogando. Como qualquer outro método, possui também algumas desvantagens como progresso de melhora acontecer de forma mais lenta, apesar disso é mais indicado para ser utilizado com as crianças. O terceiro método é o misto, que basicamente abrange os dois anteriores, buscando selecionar as vantagens de cada um. Com ele é possível dentro da mesma aula trabalhar com um foco maior na técnica e em outro momento atividades mais semelhantes ao jogo. Por unir dois métodos distintos, é um modelo bastante indicado, já que possibilita bastante variações. Quanto às desvantagens, o método traz consigo as mesmas desvantagens encontradas no método analítico (atividades repetitivas e pouco atraentes) e do método global (dificuldade em acompanhar o desenvolvimento e observar melhora na aprendizagem). Por último e talvez o mais importante, o método Teaching Games for Understanding pode ser considerado, se utilizado muito corretamente, o mais indicado entre esses analisados nesta revisão. Nele, o foco principal é aprender aspectos táticos a partir da prática, sendo essa através de jogos modificados de acordo com as necessidades dos alunos. A ideia principal do jogo e suas regras são mantidas, para que as atividades se assemelhem com aquilo que os alunos irão encontrar posteriormente no jogo propriamente dito. Para o ensino do futebol, tema principal do trabalho, atividades que contenham aspectos semelhantes ao do jogo são as mais indicadas, porém o ensino da técnica e fundamentos não podem ser deixados de lado. Cabe novamente, portanto, ao profissional capacitado elaborar estratégias de ensino que atendam às necessidades dos seus alunos, para que o processo de desenvolvimento ocorra da forma mais completa possível. A partir desta revisão, é possível que essa elaboração seja direcionada, porém estudos ainda são necessários para concretizar como seria montada uma aula ideal, se é que isso seja possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, L.T.P. (1996). Iniciação esportiva na escola – a aprendizagem dos esportes coletivos. *Perspectivas em Educação Física Escolar*, Especial: 41-51.
- ALVES, C.V.N.; SOUTO, A.S.A.P. Aprimoramento técnico das capacidades técnicas específicas do futebol através de exercícios analíticos em atletas de 8 a 15 anos. *Educación Física y Deportes. Revista Digital*, n.133, 2009.
- ARAÚJO, D. Tomada de Decisão no Desporto. Cruz Quebrada: FMH Edições, 2006.
- ARENA, S.S. e Bohme, M.T.S. (2000). Programas de iniciação e especialização esportiva na GFreire, J.B. (2006). *Pedagogia do futebol* (2ª ed.). Campinas: Autores Associados, Grande São Paulo. *Revista Paulista de Educação Física*. 14(2), 184-195.
- ARMBRUST, M.; SILVA, AL. A; NAVARRO, A.C. Comparação entre método global e método parcial na modalidade futsal com relação ao fundamento passe. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, v.2, n.5, p.77-81, 2010.
- BALDY, Heloisa Helena dos Reis. O ensino do handebol utilizando-se do método parcial. Disponível em <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - N° 93 - Febrero de 2006.
- Bayer, Claude. O ensino dos desportos colectivos. Lisboa, Dinalivro, 1994.
- BOMPA, Tudor O. Treinamento total para jovens campeões. Barueri: Ed. Manole, 2002.
- BROOKER, R., Kirk, D., Braiuka, S. & Bransgrove, A. (2000). Implementing a game sense approach to teaching junior high school basketball in a naturalistic setting. *European Physical Education Review* 6:7-25
- BUNKER, D. & Thorpe, R. (1986). The curriculum model. *Rethinking Games Teaching*. Loughborough University Of Technology, p.7-10, 05.
- CANFIELD, J.T; REIS, C. O Movimento Humano: Conceitos e uma História. Santa Maria: JTC EDITOR,1998.
- CASAGRANDE, C. G. Ensino e aprendizagem dos esportes coletivos: análise dos métodos de ensino na cidade de Uberlândia-MG. 2012. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2012.
- CORRÊA, U.C.; SILVA, A.S.; PAROLI, R. Efeitos de diferentes métodos de ensino na aprendizagem do futebol de salão. *Motriz*, v.10, n.2, p.79-88, 2004.

COSTA, Claito Frazzon. *Futsal: aprenda a ensinar*. Editora: Visual Books; Florianópolis/SC: 2003.

COUTINHO, N. F.; SILVA, S. A. P. S. Conhecimento e aplicação de métodos de ensino para os jogos esportivos na formação profissional em educação física. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 117-144, 2009.

DUARTE, R. Modelação do esforço em desportos coletivos: aplicação no futsal. *Treino Desportivo*, 30, p. 54-62, 2006.

FERREIRA, Henrique Barcelos. Iniciação esportiva: uma abordagem pedagógica sobre o processo de ensino-aprendizagem no basquete bol. 2 001. Monografia (graduação em educação física bacharelado) — Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.

FILGUEIRA, F M. & SCHWARTZ, G M. Torcida familiar: a complexidade das inter-relações na iniciação esportiva ao futebol. *Rev. Port. Cien. Desp.*, ago. 2007, vol.7, no.2, p.245-253.

Filgueiras, L. F. A. S. Comparação entre a metodologia de abordagem sistêmica e a metodologia tecnicista: razões para promover o processo de ensino aprendizagem dos jecs através de jogos. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, Edição Especial: Pedagogia do Esporte, São Paulo. Vol.6. Núm.22. 2014.

FREIRE João Batista. *Pedagogia do Futebol*. Londrina: Ney Pereira, 1998.
Freire, J.B. (2006). *Pedagogia do futebol* (2ª ed.). Campinas: Autores Associados.

GARGANTA, J. Analisar o jogo nos jogos desportivos coletivos: uma preocupação comum ao treinador e ao investigador. *Revista Horizonte*, v. 14, n. 83, p. 7-14, 1998.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Ed.). *O ensino dos jogos desportivos*. 2. ed. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto: Rainho & Neves Ltda. v.2, p. 11-26, 1995.

GRAÇA, A. S.; Mesquita, I. R. (2002) A investigação sobre os jogos desportivos: ensinar e aprender as habilidades do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto, v. 2, n. 5, p. 67-79, 2002.

GRECO, Pablo Juan; BENDA, Rodolfo Novellino (Org.). *Iniciação Esportiva Universal: 1 _Da aprendizagem motora ao treinamento técnico*. 2. ed. Belo Horizonte: Ufmg, 2001.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. *Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico*. Belo Horizonte: Editora UFMG. v.1, 1998.

GRECO, P.J. Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos. In: GARCIA, E. S; LEMOS, KL M. Temas Atuais IV - Educação Física e esportes. Belo Horizonte: Health, 2001, cap.3, p.48-72.

GRIFFIN, L. L., & Butler, J. (2005). Teaching games for understanding: theory, research, and practice. Champaign, IL: Human Kinetics.

HAHN, E. *Entrenamiento com niños: teoria: práctica, problemas específicos*. Barcelona: Martinez Roca, 1989.

JUNIOR; J.R.S., Futsal e a pedagogia da iniciação: Uma proposta de conteúdos baseada em vivencia de situações-problema. Dissertação De Mestrado, Piracicaba/SP 2015

KIRK, D.; BROOKER, R. BRAIUKA, S. Teaching games for understanding: a situated perspective on student learning. In: Annual Meeting of the American Educational Research Association. 2000.

LIGHT, R., FAWNS, R.(2003) The embodied mind: blending speech and action in games teaching through TGfU. Quest, v. 55, p. 161-176. 2003

MITCHELL, S. A.; OSLIN, J. L.; GRIFFIN L. L. Teaching sport concepts and skills: A tactical games approach (2nd Ed.). Champaign, IL: Human Kinetics, 2006.

OLIVEIRA, V; PAES, R R. A pedagogia da iniciação esportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos.

PAES, Roberto Rodrigues. Educação Física Escolar: O esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Canoas: Ed. Ulbra, 2001

PAES, R. R. et al. Pedagogia do Esporte: Iniciação e Treinamento em Basquetebol. Rio de Janeiro. Editora Guanabara. Koogan. 2009.

PERFEITO, P.J.C. Metodologia de treinamento no futebol e futsal: discussão da tomada de decisão na iniciação esportiva. 2009.

PINHO, S. T.; et al. Método situacional e sua influência no conhecimento tático processual de escolares. Motriz, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 580-590, 2010

PINTO, F.S.; SANTANA, W.C. Iniciação ao futsal: as crianças jogam ou aprendem para aprender ou aprendem para jogar? Educación Física y Deportes. Revista Digital, n.85, 2005

REZENDE, A. Ensino e avaliação do futebol. CONCOCE - Seminário Introductório, 2008.

REZER, Ricardo. *A prática pedagógica em escolinhas de futebol/futsal: possíveis perspectivas de superação*. 2003. 194 f. Dissertação (Mestrado em

Educação Física) - Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

ROMÃO, E. J. R.; BARBOSA, P. V. S.; MOREIRA, M. C. Metodologias de ensino para jogos esportivos coletivos na educação física escolar. *Revista de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações*, v. 7, n. 1, p. 80-96, 2017.

SANTANA. Iniciação esportiva e algumas evidências de complexidade. SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS DO SUL DO BRASIL, XIV, Ponta Grossa. *Anais...* Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 176-180: 2002.

SILVA, M.V.; GRECO, P.J. A influência dos métodos de ensino-aprendizagem-treinamento no desenvolvimento da inteligência e criatividade tática em atletas de futsal. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v.23, n.3, p.297-307, 2009.

SILVA, M. V. Processo de ensino-aprendizagem-treinamento no futsal: influência no conhecimento tático processual. 2007. Dissertação (Mestrado em Treinamento Esportivo) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

TENROLLER, C.A. *Futsal: ensino e prática*. Canoas: ULBRA, 2004.

TENROLLER, Carlos Alberto; MERINO, Eduardo. *Métodos e planos para o ensino dos esportes*. Canoas: ULBRA, 2006.

WEINECK. *Treinamento ideal*. São Paulo: Ed. Manole, 1999.